

Iniciativa Imagine Brasil

Síntese do Diálogo com Jornalistas

A iniciativa Imagine Brasil tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com representantes desses setores.

Após o evento de lançamento do projeto, ocorrido em agosto, já foram realizados sete Diálogos – envolvendo discussões sobre Educação, Defesa e Segurança Pública, Meio Ambiente, com Lideranças Sociais, Lideranças Empresariais, Esportistas e Economistas.

Este é, portanto, o oitavo encontro da série Aspiração para o Brasil, que foi realizado em 7 de dezembro e contou com a participação de um grupo de 14 jornalistas, comunicadores e representantes da Abraji e da Abracom, composto por: Adriana Vasconcelos, Ana Flor, Caio Túlio Costa, Cristina de Luca, Daniela Maciel, Daniel Bruin, Ellen Nogueira, Fábio Pannunzio, Heródoto Barbeiro, Kátia Brembatti, Maurício Pestana, Reinaldo Canto, Rodrigo Caetano e Sandra Boccia (minibios em anexo).

Registramos um agradecimento especial à jornalista e professora Krishma Carreira pela contribuição na articulação do grupo de participantes.

Os participantes foram convidados a refletir sobre o Brasil e a compartilhar suas visões sobre o contexto histórico de suas áreas e sobre seus anseios e sonhos para o país até 2030. O objetivo dos Diálogos é ampliar a escuta dos brasileiros e buscar possíveis convergências para fazermos a ponte entre aspiração e performance, que é onde o sonho se transforma em realidade.

.....

Em destaque

- Temos de garantir a preservação da democracia no país, o que se torna premissa para todas as aspirações.
- É preciso também defender as instituições de Estado, fundamentais para a democracia e para a promoção da justiça social.
- O segmento de comunicação enfrenta hoje duas crises: uma sistêmica e estrutural, relativa ao modelo de negócio do setor, devido ao avanço das novas tecnologias e das redes sociais.

- A outra é uma crise de credibilidade que atinge os jornalistas, levando-os a uma perda no papel de difusores da informação.
- O jornalista está enfrentando grave problema ao deixar de ser o protagonista da comunicação para se tornar mero coadjuvante, pois as pessoas passam a ter poder de mídia. Com a redução de seu papel de mediador, as instituições e a própria democracia são mais atacadas.
- Diante desse contexto, certamente é hora de voltarmos a discutir a necessidade de exigência do diploma de jornalista e a regulamentação dos meios de comunicação.
- Temos de refletir com a sociedade sobre os conceitos de liberdade expressão e de ética na profissão, que são os pilares de nossa atuação. Isso é fundamental para combatermos as fake news.
- Temos de colocar na agenda nacional a busca por um novo modelo desenvolvimento econômico, com igualdade de oportunidades, diversidade de gênero e combate ao racismo estrutural do país, numa perspectiva de maior justiça social.
- Com tais iniciativas, aspiramos à reinserção do Brasil no contexto internacional, resgatando nossa respeitabilidade e a capacidade de atrair investimentos.
- Na perspectiva da educação, precisamos priorizar três categorias de alfabetização: a digital, a financeira e a midiática.
- Além do segmento educacional, acreditamos ser essencial priorizar também o ambiental, com respeito às iniciativas internacionais da ONU e ao fortalecimento da preservação da nossa biodiversidade.
- Temos a aspiração de não perdermos a condição de propagadores da cultura brasileira, contribuindo para a realização de nossas utopias.
- Diante dessa grande capacidade da FDC de mobilizar profissionais de expressiva relevância em suas áreas, temos de valorizar esses diálogos e transformar os resultados desses debates em ações concretas, factíveis e perenes.

- Todas essas questões devem ser encampadas pelas entidades representativas dos jornalistas, como a Abracom, a Fenaj e a Abraji.
-

Contexto e aspirações

- Em primeiro lugar, precisamos ressaltar que o Brasil vive, atualmente, as consequências históricas decorrentes do fato de sermos dirigidos, por muitos anos, por oligarquias. Essa realidade faz com que diversos segmentos da sociedade, como as pessoas de mais baixa renda e moradores das periferias das cidades, não tenham acesso a muitos de seus direitos.
- Essas camadas não têm acesso, por exemplo, nem mesmo aos parlamentares nos quais votaram. Uma forma de começar a corrigir isso seria por meio do voto distrital.
- Nesse sentido, uma das nossas principais preocupações, no atual contexto brasileiro, é a preservação da democracia em nossa sociedade, que se coloca como uma premissa fundamental para se pensar no futuro e nas demais aspirações.
- Temos, paralelamente, de lutar pela defesa das instituições de Estado, o que está diretamente ligado à defesa da democracia e à promoção da justiça social, na perspectiva da luta contra o fascismo.
- Este preceito democrático é também essencial para que possamos conceber um contexto de recuperação econômica e reconquista de valores de uma sociedade marcada pela diversidade nos mais variados aspectos.
- É preciso também estarmos atentos para a questão da alternância de poder. No caso do poder executivo, quem está no poder leva uma vantagem natural em relação aos demais postulantes. O mesmo vale para o poder judiciário, incluindo o STF, em função do longo prazo de permanência dos ministros na suprema corte. Esses fatores contribuem para reduzir a isenção nas tomadas de decisão de quem exerce cargos públicos.
- Do ponto de vista institucional, um dos itens críticos a serem enfrentados pelos jornalistas é o clima de polarização crescente na sociedade. E esse quadro tende a se agravar ao longo da campanha eleitoral de 2022.
- Diante desses contextos, temos de refletir sobre as questões fundamentais que devem ser encampadas por todas as entidades

representativas dos jornalistas e do segmento de comunicação social, como a Associação Brasileira das Agências de Comunicação (Abracom), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), representadas no encontro. Em tempos recentes, não seria necessário reforçar, em eventos como este, nosso compromisso com a defesa da democracia.

- O segmento de comunicação está passando por uma severa mudança no seu modelo de negócio e de desenvolvimento, fortemente impactado pelas novas tecnologias e pelos avanços nos processos de inovação da era digital. As empresas do setor precisam encontrar novos caminhos e maneiras de preservar sua capacidade de gerar valor.
- Sem dúvida, a área de comunicação enfrenta hoje duas crises. A primeira delas é uma crise sistêmica e estrutural no modelo de negócio, em função da quebra de paradigmas desde o advento da internet, que é cada vez mais fortemente impactado pela disseminação das novas tecnologias de comunicação. Sabemos que as empresas do setor estão tentando transpor para o meio digital os seus modelos tradicionais de negócio, mas isso nem sempre tem dado certo.
- Como decorrência, vem a segunda crise: os profissionais da área, especialmente os que atuam como jornalistas, passam por uma crise de credibilidade que os tem levado a uma perda do papel de difusores da informação.
- Nesse sentido, o jornalista está deixando de ser o protagonista da comunicação para se tornar mero coadjuvante. Afinal, atualmente, as pessoas têm poder de mídia – seja por um segundo, quando se registra um fato no celular, seja de forma sistemática, ao longo de muitos anos.
- Um aspecto importante nesse contexto é fato de os custos da difusão de informação nos meios digitais serem cada vez menores. Em outras palavras, você não precisa mais ter poder econômico para ter poder de mídia. E há nesse contexto, também, uma evidente crise geracional.
- Há, inclusive, o temor de que os jornais tradicionais venham a ser extintos em decorrência dessa nova realidade. Tudo isso não deixa de ter, como grave consequência, o enfraquecimento da democracia e da liberdade de imprensa.
- Diante desse contexto, precisamos, evidentemente, rever valores básicos relacionados ao exercício do jornalismo, que não podem ficar atrelados apenas a questões essenciais, como a exigência do diploma para exercer a profissão e a regulamentação dos meios de comunicação.

- Torna-se fundamental promover a reflexão, com o conjunto da sociedade, sobre os conceitos de liberdade expressão, que estão nos pilares de nossa atuação como jornalistas.
- Uma das questões mais graves que temos visto é, em nome da liberdade de expressão, a forte disseminação da violência e das fake news no país, o que é inaceitável na democracia.
- Uma das nossas aspirações é a reestruturação da carreira e da valorização do jornalista, para que possamos resgatar a já citada função de protagonista dos profissionais da área na mediação das ideias e da consolidação da sociedade democrática.
- Estamos vivendo, devido aos efeitos das novas tecnologias e do avanço do mundo digital, expressivas mudanças de paradigma no campo da comunicação e no papel dos jornalistas, diante das quais não há retorno. Por isso, precisamos descobrir os novos caminhos que teremos pela frente, assim como as novas funções e os desafios para os profissionais da área.
- Um dos caminhos é reforçar o papel do jornalista no combate ao arbítrio do governo em relação à imprensa, como prevê o artigo 6º do Código de Ética da Fenaj. Esta luta passa, ainda, pela reflexão sobre a degradação do exercício do jornalismo em virtude das redes sociais, das fake news e dos impactos desse processo na sociedade.
- Não se trata, portanto, de uma defesa de classe, mas sim da democracia, sempre pautados pela transparência e amplo acesso aos dados e à informação.
- A discussão sobre as fake news merece uma análise bem profunda por parte dos jornalistas, em que a questão ética precisa estar no centro das atenções, assim como os limites, muito pouco tangíveis, entre o que é fato objetivo e o que é interpretação da imprensa.
- Uma das reflexões pertinentes do momento é o debate sobre o fato de a imprensa ter deixado de ser considerada, como já foi no passado, o chamado quarto poder – muito em função dessa crise de credibilidade que vem enfrentando.
- Vale ressaltar, nesta conjuntura, que os três poderes – o Legislativo, o Executivo e o Judiciário – também passam por um período de grande desgaste e de muitos questionamentos por parte da sociedade.
- Acreditamos que o jornalismo, que tanto exige um *mea culpa* por parte desses três poderes, também promova uma reflexão sobre o seu papel,

não se isentando de responsabilidade em relação ao grave cenário político que o país enfrenta. E não podemos abrir mão também de nosso papel de fiscalização permanente das ações do poder público.

- Uma vez estabelecida a reflexão sobre o modelo de negócio do setor de comunicação e o papel dos jornalistas, não podemos deixar de colocar na agenda nacional a pauta sobre as formas de a sociedade brasileira buscar um novo desenvolvimento econômico com mais igualdade de oportunidades, o que deve ser marcado pela solidariedade e pelo combate à fome e à miséria.
- Tais iniciativas devem passar sempre pela perspectiva de maior justiça social no país, incluindo maior respeito à diversidade de gênero e, em especial, o combate ao racismo, que é um problema estrutural e histórico do país.
- Os setores público e privado poderiam atuar de forma mais efetiva na promoção da inclusão social, especialmente de pessoas de diferentes raças e etnias. As empresas deveriam, por exemplo, realizar mais ações de capacitação profissional, com base em uma política de incentivos fiscais para essas iniciativas.
- O maior respeito aos direitos das mulheres precisa se expandir no setor público, especialmente no que tange à representatividade parlamentar, levando-se em conta que a visão feminina destoa da masculina nos mais diversos aspectos relacionados à ação do Estado.
- Sem dúvida, os efeitos decorrentes dessas ações, se elas forem efetivadas como aspiramos, nos levarão uma reinserção do Brasil no contexto internacional, resgatando nosso poder de voz, nossa respeitabilidade e, conseqüentemente, nossa capacidade de atrair investimentos.
- Acreditamos que alguns setores estratégicos merecem atenção imediata nesse processo de construção de um novo modelo de desenvolvimento para o país.
- Temos a certeza de que a educação, por exemplo, representa um dos principais problemas a serem enfrentados pela sociedade, visando, no médio e longo prazos, melhorar a produtividade da economia e elevar a qualidade da mão de obra no mercado.
- Precisamos buscar uma educação de maior qualidade e acessível a todos, lembrando também que o entrave maior está na gestão dos recursos, pois sabemos que uma parcela expressiva do PIB é destinada

à educação. E não podemos abrir mão da diversidade de gênero, de raça e da inclusão de pessoas com deficiência nesse contexto.

- Ainda na perspectiva da educação, é preciso investir fortemente nas iniciativas de inovação que nos levem a uma ampla inclusão digital, nas quais o mundo acadêmico – as universidades em particular – podem dar expressivas contribuições.
- Nesse sentido, pelo menos três categorias de alfabetização se entrelaçam: a primeira delas é a alfabetização digital, que se difere da inclusão digital. A segunda é a alfabetização financeira, especialmente para parcela da população feminina, que poderia ter maior discernimento de suas finanças pessoais, na perspectiva de maior emancipação e de garantia de seus direitos.
- E a terceira é a alfabetização midiática, que se torna cada vez mais fundamental, em função da ampla exposição da sociedade às crescentes e diversificadas opções de mídias e de acesso à informação. Um importante desafio é conseguir dosar a exposição e a inserção das pessoas nesse mundo.
- Torna-se premente também explicitarmos nossa aspiração de resgatar a liderança internacional do Brasil em termos de defesa ambiental. Nesse contexto, incluímos a questão da sustentabilidade e o respeito à nossa biodiversidade. Nessa pauta, estão previstas as ações de respeito e apoio à Agenda 2030 da ONU e aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).
- Devemos também ficar atentos às ações de financiamento dos instrumentos de preservação ambiental e à necessidade de a iniciativa privada fazer parte desse esforço, uma vez que o poder público não consegue realizar isso sozinho.
- Sabemos que o Brasil não conseguiu, por diversas razões, ser protagonista da industrialização no contexto internacional, mas ainda temos uma grande oportunidade de reafirmação do país como liderança no meio ambiente em função da nossa biodiversidade e, mais especificamente, da Amazônia, a maior floresta tropical do mundo.
- Outro setor em destaque é o cultural, no qual é possível sonhar com aspirações que podem fazer algumas utopias se tornarem realidade. Para isso, enquanto profissionais de comunicação, não podemos abdicar de nosso papel histórico de provedores culturais da sociedade, especialmente em contextos como o atual, quando representantes de um governo autoritário comandam o setor.

- Principalmente por termos a consciência de que as mais diversas formas de manifestações de cultura pulsam em nosso país, como acontece com intensidade nas favelas e comunidades, por exemplo.
- O jornalismo não pode perder essa condição de propagador da cultura brasileira. Temos de superar polarizações, unir a sociedade, contribuindo para a construção de nossa história e a realização de nossas utopias.
- Diante desse contexto, não temos dúvida de reafirmar nosso apoio à grande capacidade da Fundação Dom Cabral de unir e mobilizar tantos profissionais de comunicação, como os presentes neste evento. Não podemos abrir mão do compromisso de transformar os resultados desses debates em ações concretas, factíveis e perenes.
- Temos aqui representadas, por exemplo, um universo de mais de 200 agências de comunicação com grande potencial de encaminhar deliberações dessa iniciativa aos mais diversos pontos do país.
- Acreditamos que o melhor caminho para isso se dará por meio de um amplo diálogo envolvendo toda a sociedade, por meio do universo acadêmico, dos setores público e privado e também incluindo entidades e instituições do terceiro setor.
- Afinal, acreditamos que não é apenas o jornalismo que está passando por essa citada quebra de paradigmas, mas a sociedade como um todo. Ocorre que, nem sempre, surgem novos paradigmas para colocarmos no lugar dos antigos e prosseguir na busca de nossos sonhos e aspirações.
- As mudanças, muitas vezes, têm de ser mais amplas e estruturais, substituindo valores e crenças antigos. Não temos dúvidas de que o projeto Imagine Brasil é um relevante canal para isso.
- Queremos buscar sinergias e pontos de convergência com outros segmentos da sociedade, como educadores, ambientalistas, empresários, lideranças sociais e os demais envolvidos nessa proposta. Afinal, os planos e as aspirações de todos nós precisam fazer parte de uma mesma iniciativa e de um mesmo diálogo.